



Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Pina; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Santilhana;—*Vida litteraria*, por D. Guiomar Torrezão;—*Vasco da Gama e as investigações do sr. Teixeira de Aragão*, por Pinheiro Chagas;—*O tio Felix*, conto, por Lorjô Tavares;—*Os morangos*, conto, por Eugenio de Castro;—*Despedida original*, por Alberto Telles;—*Uma andaluza*, versos, por Goncalves Crespo;—*As nossas gravuras*:—*Em familia (Passatempos)*;—*A ris*;—*Um conselho por semana*;—*A flor da noite*, soneto, por Guerra Junqueiro;—*O primeiro beijo*, conto, por José Maria da Costa

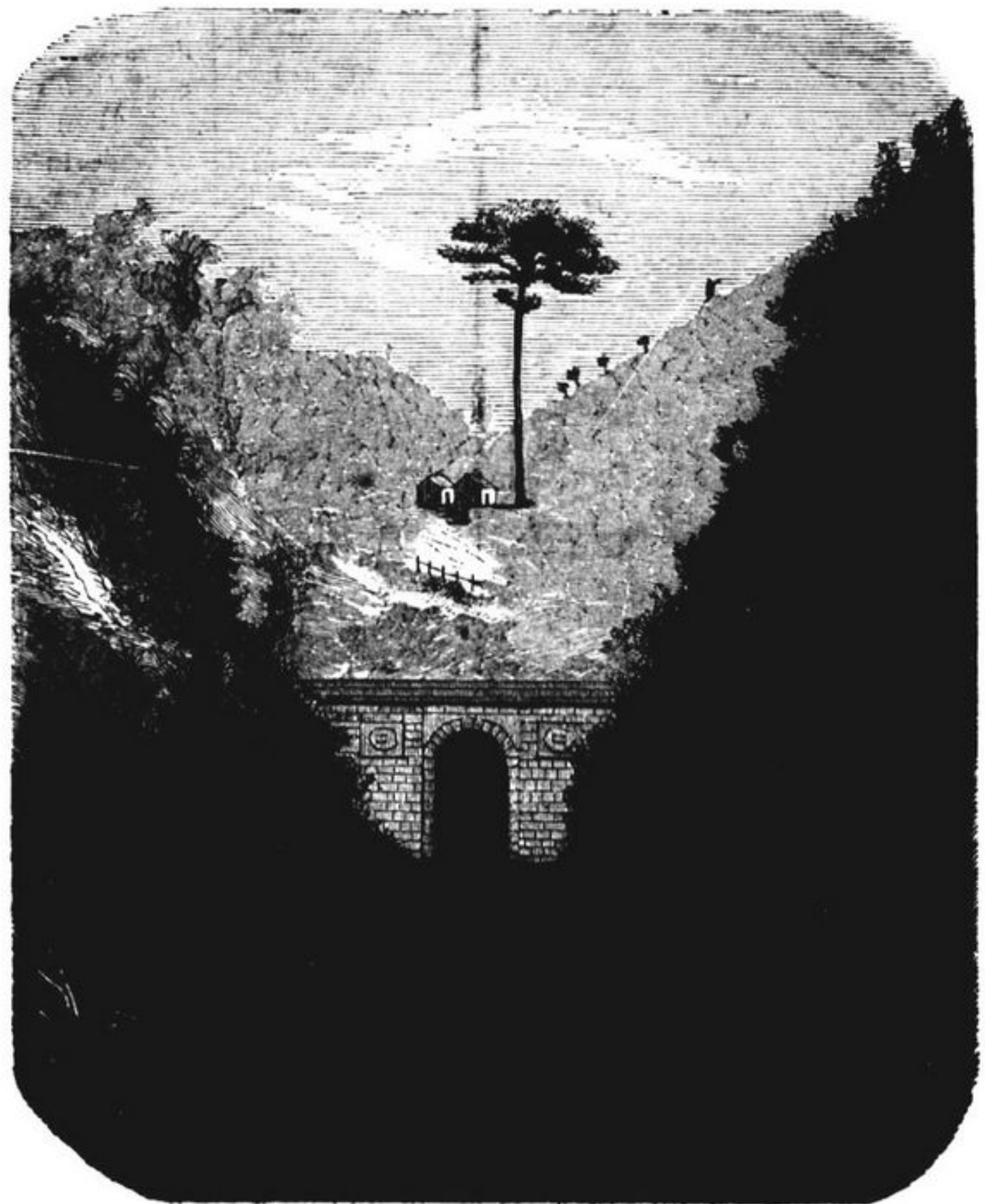
GRAVURAS:—*Entrada do grande tunel da estrada de D. Pedro II, Brazil*;—*Modas*;—*Antonio Canovas del Castillo*;—*Casa da Mo. da em Paris*;—*D. Benigno Martinez*.

CHRONICA

Eu não lhes posso dizer ao certo se existo ainda, ou se o meu espirito, com receio de se abraçar dentro d'um corpo reduzido a torresmos, não abandonou já o seu envolvero material, librando-se ás regiões do incognoscivel.

Com verdade não sei, nem posso dizer-lh'ó, o que, de resto, pouco ou nada lhes interessa.

Mas, muito aqui á puridade, ando ha dois dias desconfiado de que não existo, de que a vida me desamparou, aniquilada e desfeita pelas ardencias causticas d'este sol peninsular de mil demonios, tão cantado pelos vates ane-



ENTRADA DO GRANDE TUNEL DA ESTRADA DE D. PEDRO II—BRAZIL

micos, para quem o calor do estio é a mais efficaz das panacéas.

Se com effeito morri, não me admira isso nada, porque a temperatura de junho tem sido de molde a torrar todo o existente. Não ha sorvetes que valham, carapinhadas que lhe abrandem os ardores, banhos frios que atenuem o seu poder assassino. Se hoje houvesse ainda Paraizos terrestres e se ali pozessem Adão, com a mesma auzencia de trajo que caracterisava o Adão primitivo, nem mesmo assim o pobre homem resistiria aos effeitos lethaes d'este calor asphixiante, por mais forte que fosse a sua organização e por mais refrescos que lhe desse a mãe Eva.

Eu comprehendo perfeitamente que um desgraçado qualquer atirasse ha dias comsigo, de cabeça, a um poço profundo, no quintalorio do *Retiro dos Pacatos*, e que outro fizesse o mesmo ali para as bandas de S. Sebastião da Pedreira. Comprehendo-o, e não attribuo por forma nenhuma aquelle acto de desespero a amores não correspondidos, rasão suprema com que entre nós se explicam todos os suicidios da arraia miuda, desde a creada de servir que dá cabo de si com infusão de cabeças de phosphoras, até ao municipal que se passa guia de marcha para a eternidade, desengatilhando uma carabina com o dedo grande do pé direito.

Os pobres diabos encontrados mortos em dois poços, passaram pelos horrores indscriptiveis d'uma combustão lenta; e como já tinham perdido a fé na efficacia de todas as misturas frigorificas, fôram procurar n'um banho frio, a oito metros de profundidade, o remedio supremo que não se lhes havia deparado á superficie esbrazada do solo.

Se não morressem da cura, estariam talvez salvos á data d'esta.

Confesso que deve ser muito desagradavel ficar reduzido a carvão de sobro, entre as ruinas d'um incendio medonho, como o da Opera-Comica de Paris, mas olhem que não é menos desagradavel perder a vida, asphixiado sob a violencia d'um sol dos tropicos, contra a qual todas as bebidas geladas são impotentes.

Depois, as victimas d'um incendio teem ainda, a exhibir-se em seu favor, o *élan* da caridade espectacular; mas quem morre de insolação, como eu estou bem desconfiado que morri, nem sequer merece as honras d'um simples necrologio. Pelo menos, não me consta que as gazetas o publicassem, e ha dois longos dias que o procuro avidamente no *Diario de Noticias*.

Nem uma pessoa amiga se lembrou d'isso!

Fie-se lá uma alma de Deus em amidades!

Queixa-se o bom do Sarasate amargamente de que ninguem vá ouvir os sons incomparaveis do seu *stradivarius* portentoso. Pois podera! Como se fosse bonito e decente apresentar-se cada qual em roupas brancas n'um concerto, unica *toilette* com que o publico poderia supportar concertos em recinto fexado, sob a luz crua do gaz, na época abrasadora que atravessamos.

Se elle permite que o ouçamos assim, em vestes pouco menos que paradisiacas, e se o pudor da policia ou de alguma respeitavel matrona meticulosa não se offende com isso, creia o insigne virtuose que meia Lisboa correrá sem delonga a escutar as harmonias do seu violino magico, entre um sorvete de leite e uma cerveja nevada.

A outra metade, considera que as roupas brancas são ainda um excesso de *toilette*, na actual conjunctura, e deixa-se ficar em casa.

Compenetrando-se de quanto seria arriscado expor ás ardencias d'este sol perverso tres quartas partes da população da capital, pois que só a quarta parte restan-

te não exhibe na côrte grã-cruzes, commendas ou habitos, (e ainda sobre isso ha algumas duvidas) não sendo por tal motivo obrigada, segundo a lei, a tomar parte na procissão de *Corpus Christi*, o governo limitou, pela segunda vez, o percurso d'aquella procissão ao largo da Velha Sé Patriarchal. Ficam-lhe a matar estes sentimentos.

No entretanto, a festa fez-se, embora se fizesse quasi em familia, meio de portas a dentro. Nem o sr. Barros Gomes era homem que dispensasse estes actos canonicos, de devoção extrema, com profundo desgosto do sr. Barros e Sá, seu sogro amantissimo, que, no dizer dos biographos, é rabino dos quatro costados.

Conta-se que, em antigas eras, no dia da procissão de *Corpus*, numerosos poetas, Bocage e Malhão entre elles, percorriam toda a noite as ruas da baixa, improvisando. Outros tempos, outros costumes. Modernamente, não ha poetas que improvisem pelas ruas. D'essa missão encarregaram-se os bebados noctivagos.

Malhão e Bocage, improvisando ao luar, em pleno Parnaso, foram direitinhos á Gloria. Os improvisadores de hoje vão quasi sempre, muito tortos, parar ao Carmo ou á travessa da Parreirinha. Foi o que succedeu na quinta feira a muitos d'elles, segundo resa a parte da policia.

Mas, em verdade, está fazendo um calor de morrer, e eu tenho medo de que se desenvolva ahi uma epidemia horrorosa, ou que as almas christãs caiam por essas ruas como tordos, fulminadas pela asphixia.

Em taes casos, aconselha-me o meu visinho do lado os ares do campo, e diz-me que vá até Cintra, refrescar a epiderme crestada, em passeios matutinos a Setiaes e á Penha Longa.

Ora eu devo confessar-lhes que nunca o ar do campo me refrescou as carnes no estio. E' um engano. Ali transpira-se como na Baixa ou mais ainda; suffoca-se; deita-se a lingua de fóra; sentem-se vertigens e tonturas sob o sol implacavel das campinas descobertas.

Bem sei que toda a gente emigra para fóra de portas, n'esta epoca do anno, impellida, como o Judeu-Erante, por uma força mysteriosa,—a força do habito, da tradição, da toleima. Os tísicos marcham na vanguarda, de camaradagem com os imbecis e com os ociosos do grande mundo. Muitos d'elles trocam os seus penates confortaveis por uma caixa de dominó onde mal se respira, por um cubiculo em volta do qual não ha nem sombra de vegetação.

Ora eu, em boa hora o diga, nem sou tísico, nem me reputo imbecil, nem me tenho na conta d'ocioso. Podia muito bem ter morrido—cada vez o acredito mais—mas não sou nenhuma d'aquellas tres coisas. E é por isso que não sigo o conselho do meu visinho do lado, e é por isso que não vou já d'aqui direito, beber agua da Sabuga na sua origem.

Depois, a bella Cintra da minha mocidade distante, despoetizou-se, desde que a viação accelerada levou ali toda a gente capaz de gastar oito tostões n'um bilhete de ida e volta.

Tudo aquillo perdeu o prestigio de ha vinte annos, tudo aquillo passou a ser banal, vulgarissimo e réles.

As proprias queijadas da Sapa, pensam que se fabricam na Sapa? Pois enganam-se redondamente: vão para lá, d'aqui, feitas no Cócó, pelo systema de Belem. Uma lastima.

Mas para onde hei de eu ir, morto ou vivo?

Para onde tu quizeres levar-me, leitora. Contigo, sou capaz de percorrer o ceu e o inferno, suppondo que n'este ultimo não haverá o calor experimentado cá fóra. Porque se houver, fico á porta, e não entro. Perdoa.

SANTILHANA.

VIDA LITTERARIA

Os projectos de Baudelaire

(Paulo Glinisty)

E' curiosissimo seguir pelas notas que se nos vão deparando, ao acaso, o trabalho de composição de um escriptor illustre, acompanhar as hesitações do seu pensamento, penetrarmos, pelo fio das palavras, aparentemente incoherentes, que elle lança ao papel, nos seus projectos e nos seus sonhos...

Que artista poderia jamais produzir, qualquer que seja a vastidão da sua obra, a somma total do que desejou executar?

Balzac, empenhado em accumular materiaes para o seu edificio gigantesca, supplicou no seu leito de morte ao medico que lhe concedesse mais seis mezes, ou pelo menos seis semanas, o tempo indispensavel para delinear o plano das innumeradas cousas que pensara escrever!

O grande poeta Baudelaire não era um productor febril, como Balzac.

A um periodo activo de trabalho, succedia a crise da indolencia, votada á contemplação, á meditação, á fadiga da existencia, ao desdem de um espirito doente que duvida de si proprio, dos homens e da vida.

— «Cultivo a minha hysteria com delicia e com terror», escreveu Baudelaire em uma das folhas do seu jornal intimo.

Baudelaire é principalmente conhecido por esse livro, simultaneamente fantastico e humano, de um estranho encanto doloroso e morbido: *Les fleurs du mal*.

Poucos sabem que o poeta dos refinamentos sensuaes e das ironias satanicas, abordou os mais complexos trabalhos, que foi successivamente um admiravel critico, um maravilhoso traductor, um explanador de estudos litterarios, e que ao mesmo tempo que publicava os *Paradis artificiels*, exercia o jornalismo politico!

Estranho preguiçoso esse,—como alguns pretendem defini-lo,—cujo espirito vibrava sempre, e tão profundamente, que o matou!

Se Baudelaire gozasse as regalias provenientes da liberdade e da saude, quantos volumes teria produzido!

Um trabalho de uma alta importancia documentaria, empreendido por Eugenio Crépet, habilita-nos a calcular, approximadamente, todos os planos que se esboçaram na mente do poeta.

Crépet teve a felicidade de adquirir, no leilão de Poulet Mallassis, os manuscriptos ineditos de Baudelaire, enriquecidos de interessantes notas e de indicações preciosas.

Crépet coordenou as folhas soltas onde o poeta expressava o vôo de uma fantasia, o vago perfil de um sonho, e conseguiu assim completar a lista consideravel das suas obras projectadas.

Parte d'essas obras são um simples traço incaracteristico, ainda não concluido. Outras, teem apenas os titulos, titulos bizarros, que é de suppor que viessem a ser modificados. Muitos d'esses titulos são seguidos de breves commentarios. Ha, por exemplo, o vestigio de vinte e dois romances, a que Baudelaire extrahiu alguns pensamentos, e que pareciam deverem ser estudos fantasticos de uma psychologia complicada. Eis alguns dos titulos d'esses romances: *L'Autel de la volonté, le Portrait impossible, Un homme en loterie, L'Amour du Rouge, Les Monstres, La fin du monde, l'Holocauste involontaire*.

Nos papeis de Baudelaire, Crépet não descobriu, por vezes, senão um projecto reduzido a algumas palavras, e mesmo sem titulo. Eis alguns dos assumptos acariciados pelo poeta: um homem que vê na amante um supposto defeito, um vicio imaginario, a suggestão do qual obedece; a justificação da pena de morte; a aventura de um criminoso, que abandonado pelo carasco e libertado pelo povo, vae por sua livre vontade, entregar-se ao supplicio. Em outro plano, levemente esboçado, Baudelaire fantasia a voluptuosa sensação de um artista na convivencia dos doidos, ou os jubilos da amisade votada a um reprobato.

Seguem-se rapidas indicações, como estas: «Fazer um romance sobre os ultimos homens;—os mesmos vicios do que outr'ora;—a guerra, os casamentos, a politica dos ultimos homens. As ultimas palpitações do mundo; lutas, rivalidades. O odio. Os amores na decrepitude da humanidade. Ca-

da soberano não possui mais do que cincoenta homens armados.»

O theatro tambem seduzia Baudelaire. Durante muito tempo, imaginou escrever o drama: «O ebrio», desenvolvimento da peça de versos das «Flores do mal: «O vinho do assassino.» Chegou mesmo a fallar a esse respeito com Hostein, então empresario da Gaité. Mas não escreveu cousa alguma. Depois, entusiasmou-o outro drama: «Marquez do 1.º de hussards», de que deixou apenas o scenario. Era—ou por outra deveria ser—a historia de um filho de emigrado, fascinado, a despeito seu, pela phisionomia do imperador, obtendo o posto de coronel no grande exercito, e sacrificando heroicamente ás suas novas convicções, o amor de uma mulher. Um quadro deveria representar a batalha de Wagram; outro, que não seria menos grandioso, mostraria as tropas enviadas a Napoleão, no seu regresso da ilha d'Elba, sentindo-se de repente impressionadas, ao aspecto do seu antigo chefe, e juntando-se aos soldados que o acompanhavam.

Existe ainda o vestigio de um terceiro drama, o «Fim de D. João», (assumpto que tambem tentou Flaubert).

Baudelaire, porém, limitou-se a indicar os personagens: O filho de D. João, papel «travesti», uma Estatua, «fantastica, grotesca, violenta, á maneira ingleza», a Sombra de Catilina e um Anjo, interessando-se por D. João.

Baudelaire, que odiava a Belgica, onde padecera estranhos tormentos, imaginou um trabalho aggressivo e quasi feroz, com referencia a esse paiz, a «Verdadeira Belgica.»

Mas o que constitue a verdadeira «trouvaille» de Crépet, são os pensamentos do poeta, espalhadas ao acaso, ousados, perturbantes, paradoxaes, contendo a genese de trabalhos de todos os generos, estudos criticos, poesias, fantasias litterarias ou philosophicas. Eis alguns d'esses pensamentos:

O que ha de inebriante no mau gosto, é o aristocratico prazer de desagradar.—Comprehendo que se abandone uma causa para saber-se o que se experimentará ao servir outra.—

—Ser um homem util pareceu-me sempre uma cousa odiosa.— Não podendo supprimir o amor, a igreja quiz, pelo menos, desinfectal-o, e inventou o casamento.—O que ha de fastidioso no amor, é ser elle um crime que não póde prescindir de um cumplice.—Desconfiemos do bom senso, do coração, da inspiração e da evidencia.»

Colhi ao acaso esses pensamentos, na floresta de muitos outros que enlaçam, em uma vegetação caprichosa, as suas bizarras e pittorescas formas. Ha em todos elles a mesma hostilidade contra o banal, contra o convencional, contra o que é de uso chamar-se senso commum, sempre, bem entendido, sob o ponto de vista puramente litterario. Quantas obras, singularmente bellas, teriam brotado d'esses informes embriões!..

Mas o grande innovador morreu aos 40 annos, e os derradeiros annos da sua vida não foram mais do que uma longa agonia!

Lendo, talvez, no mysterioso livro do futuro a palavra dolorosa do seu destino, o poeta escrevera:

O douleur! o douleur! Le temps mange la vie,
Et l'obscur ennemi qui nous ronge le cœur
Du sang que nous perdons croit et se fortifie!

GUIOMAR TORREZÃO.

Vasco da Gama e as investigações do sr. Teixeira de Aragão

I

O illustre academico, o sr. Teixeira de Aragão, publicou recentemente um livro, intitulado *Vasco da Gama e a Vidigueira*,

em que se revela mais uma vez o seu genio investigador, e o acerto com que sabe dirigir essas investigações. Vamos, segundo o nosso costume, apurar n'esse excellente estudo o que se possa acrescentar ao dominio da nossa historia já conhecida. Que horizontes novos nos abrem algumas das investigações do sr. Teixeira de Aragão! E como vemos mais uma vez a cada instante n'esse bellissimo livro as lacunas immensas que ha na nossa historia, e como ella ficaria, não diremos transformada, porque as linhas geraes não se alteravam, mas esclarecida e comprehensivel em muitos pontos obscuros, rectificada n'outros! Era necessario para isso que se multiplicassem os homens como o sr. Teixeira de Aragão, que os nossos archivos fossem revolvidos por esquadrinhadores da sua tempera e do seu criterio, e que viessem a lume os documentos que podem esclarecer uma epoca.

A respeito de Vasco da Gama e das suas relações com El-Rei D. Manuel, dos motivos que levaram o governo a conservar affastado da India o grande almirante dos seus mares, reina ainda na nossa historia a mais completa obscuridade. E' facil dizer que foi essa mais uma prova da ingratitude de D. Manuel; mas isso são palavras vagas. El-Rei D. Manuel era effectivamente um agoista profundo, como foi Luiz X.V em França, mas, como Luiz XIV, sabia conhecer os homens e aproveitar-lhes as aptidões. Não os deitava fóra senão quando lhe não serviam já, e Vasco da Gama foi posto de parte quando estava ainda no vigor da intelligencia e no vigor da vida. Além d'isso não se pode tambem dizer que Vasco da Gama não tivesse obtido largas recompensas.

Effectivamente logo depois do descobrimento, concedeu-lhe D. Manuel o titulo de *Dom*, não só para elle, mas para todos os seus irmãos e descendentes. Deu-lhe o senhorio da villa de Sines, e, emquanto não tomasse posse d'elle, mandou-lhe dar uma tença de mil cruzados de oiro pagos pelos rendimentos da casa da Mina.

Deu-lhe mais 300\$000 reaes de renda annual, pagos pela decima nova de Sines e de Villa Nova de Mil Fontes, pelas sisas de Sines e de S. Thiago de Cacem e pela renda do Paço da Madeira, o titulo de almirante do mar das Indias com honras e redditos eguaes aos que tinha o almirante do reino o direito, de levar e trazer nas naus da India duzentos cruzados de mercadorias, pagando só a vintena á ordem de Christo.

Deu-lhe mais um padrão de juro de 400\$000 reaes pago pelo rendimento da sisa do sal de Lisboa.

Deu-lhe mais o privilegio da coutada em Niza, fixou em 60\$000 reaes por anno o seu ordenado de almirante do mar das Indias, isentou-o de toda e qualquer contribuição, fez-lhe doação da Vidigueira e de Villa de Frades.

Foi-lhe dado ainda mais um padrão de juro de 200\$000 reaes pagos pelas sisas de Niza.

D. João III ainda ampliou todas estas mercês.

Não se pode dizer pois que Vasco da Gama tivesse sido esquecido pela munificencia regia. E' certo porém que, apesar de tudo, Vasco da Gama não parece ter estado muito nas boas graças d'El-Rei D. Manuel nos dezenove annos ultimos do seu reinado.

Como saber o que se passou? impossivel completamente, sem se revolver com todo o cuidado o masso enorme de documentos que estão ainda por explorar nos nossos archivos nacionaes.

Muito melhor nos elucidariam a esse respeito as memorias dos contemporaneos, mas nunca esse genero foi infelizmente cultivado em Portugal, e falta-nos por consequente um dos elementos mais importantes para a historia da vida intima do nosso paiz.

Mas vejamos enfim qual é o documento importante que o sr. Teixeira de Aragão trouxe agora a lume.

Dissemos atraz que El-Rei D. Manuel fizera a Vasco da Gama doação do senhorio de Sines, mandando-lhe dar desde logo um padrão de juro de mil cruzados de oiro, emquanto não tomasse posse do seu senhorio. Tem este documento a data de 22 de fevereiro de 1501.

Sines era a terra de Vasco da Gama. Parece que elle nasceu n'esta villa n'uma casa que fica no caminho da igreja de Nossa Senhora das Salas, defronte de uma horta que então se chamava da Barroca, e que tomou depois o nome de *D. Vasco*. Diz o sr. Teixeira de Aragão que essa casa está hoje reduzida a um triste pardieiro, mas que em 1847 ainda existia a porta em ogiva. Esse mesmo pardieiro subsistirá ainda? Quem sabe? (1)

A França conserva preciosamente em Saint-Malo a casa onde nasceu Duguay-Tronin, onde veio á luz do mundo um homem, que foi apenas um intrepido corsario. Nós nem sabemos em que estado se encontra a casa onde nasceu Vasco da Gama!

Teve sempre Vasco da Gama grande amor á sua terra natal, e conta-se que a mandava salvar com a artilharia dos seus navios quando passava no mar por defronte d'ella.

Mas porque é que não podia Vasco da Gama tomar posse desde logo do seu senhorio, e recebia por isso uma indemnisação? Provavelmente, é—nossa esta conjectura—por Sines pertencer ao mestrado de S. Thiago, em que estava então investido D. Jorge de Lencastre, duque de Coimbra, e filho natural d'El-Rei D. João II.

Apesar da doação d'El-Rei, D. Jorge impunha, ao que pare-

(1) Por informação do nosso prezado e talentoso amigo, o sr. visconde de Benalcánfor, sabemos que pertence a sua esposa, a ex.^{ma} sr.^a viscondessa de Benalcánfor, a horta de *D. Vasco* ou horta do almirante.

ce, o seu veto, e ou exigia sommas avultadas para desistir do seu direito, ou não queria mesmo por caso algum desistir d'elle.

Confirma-nos n'esta supposição o vemos que, apesar d'El-Rei D. Manuel, a 17 de dezembro de 1519, ter dado a Vasco da Gama o senhorio da Vidigueira, o duque de Bragança, que era senhor d'esta villa, foi quem o trepassou a Vasco da Gama a troco de um padrão de juro de 300\$000 reaes, e 4:000 cruzados em dinheiro, lavrando-se escriptura a 7 de novembro de 1519. Essa escriptura é que foi confirmada por doação de D. Manuel.

Não está má doação!

Estaria sujeita ás mesmas condições a doação do senhorio de Sines, e não poderia tornar-se effectiva sem previo consentimento do duque de Coimbra, mestre de S. Thiago, consentimento que elle não quiz dar, ou que só quiz dar a troco de avultado pagamento?

Teria com a violencia do seu caracter Vasco da Gama resolvido passar adiante, e iria metter-se em Sines, onde mandou construir grandes casas, e edificar a ermida de S. Gonçalo e de Nossa Senhora das Salas?

Indignar-se-hia o duque de Coimbra, e protestaria perante El-Rei, que lhe daria razão?

Tudo isto são conjecturas, que parecem confirmadas por este documento que poz termo á pendencia, mas que devia melindrar cruelmente o irascivel explorador.

«Alvará d'El-Rei D. Manuel, em que manda ao almirante D. Vasco da Gama que não entre em Sines sob pena de 500 cruzados de multa, e mais sob a dita pena não faça mais obras nas suas casas.

«*In nomine Domini, amen.* Saibam todos quantos este instrumento dado em publica-fôrma por mandado e authoridade de justiça virem, que no anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus-Christo de 1507, aos 26 dias do mez de Junho, em a villa de S. Thiago de Cacem, na casa da fazenda do mestre de S. Thiago e de Aviz, duque de Coimbra, etc., nosso senhor, estando ahí o licenciado Francisco Barradas, cavalleiro da ordem de S. Thiago, commendador de Mongelas, chanceller da casa do dito senhor e desembargador d'ella, logo por João da Gama, fidalgo da casa do dito senhor que tem cargo de veador da dita fazenda, foi apresentado ao dito licenciado um alvará assignado por El-Rei nosso senhor, de que o theor tal é:

«Nós El Rei fazemos saber a vós D. Vasco da Gama, almirante das Indias e do nosso conselho, que nós havemos por bem e nosso serviço, por alguns respetos que nos a isso movem, que da feitura d'este alvará a trinta dias primeiros seguintes *tireis vossa mulher e toda a vossa casa da villa de Sines, onde ora a tendes;*

«E vós nem a vossa dita mulher e casa não podereis mais tornar nem entrar na dita villa nem em seu termo, salvo por licença do mestre meu muito amado e prezado sobrinho;

«E entrando cada um de vós sem sua licença com vossa casa ou sem ella, havemos por bem que pagueis quinhentos cruzados de pena para os captivos;

E além d'isso ficará a nós vos darmos por isso o castigo que merecem aquelles que não cumprem os mandados do seu rei e senhor;

Porém vol-o notificamos assim por este presente alvará, o qual vos mandamos que em tudo cumprais e guardeis como n'elle é contido sob as ditas penas, porque assim o havemos por bem, e da publicação d'elle mandamos que se faça auto por quem vol-o notificar para sempre se saber como assim vos foi notificado. Feito em Thomar a 21 dias de março—Antonio Carneiro o fez—de 1507.

E assim mesmo vos mandamos que na obra das casas que na dita villa de Sines mandaveis fazer não façaes mais obra alguma, e sobresejaes (sobreestejaes) n'isso sem mais obrardes nem mandardes obrar em maneira alguma, porque assim o havemos por bem, sob a dita pena em que incorrereis se assim o não cumprirdes.»

E apresentado o dito alvara, pelo dito João da Gama, como dito é, logo por elle foi dito ao dito licenciado que porquanto o dito alvará era havido em favor e liberdade da ordem de S. Thiago lhe pedia que interpozesse e desse sua authoridade ordinaria a mim, notario publico geral, para o trasladar em este tombo da dita ordem. E visto pelo dito licenciado o dizer do dito João da Gama e hem assim o dito alvará, e, como era assignado por Sua Alteza, limpo, sem nenhuma bo radura, nem entre-linha, nem em alguma parte carecido, mandou a mim, sobredito notario, que o trasladasse aqui e que para isso dava e interpunha todo o seu poder e authoridade ordinaria, e o affirmasse no meu publico signal. Testemunhas que presentes estavam—Gastão Dias, moço da dita fazenda, e Pero Coelho, criado do dito João da Gama e eu Diogo Coelho escudiro da casa do dito senhor mestre e escrivão dos seus contos n'ella, e notario publico geral em os mestrados de S. Thiago e de Aviz por sua senhoria, que o dito alvará aqui trasladei e meu publico signal fiz que tal é. *Logar do signal publico.*

Ahi fica o documento em toda a sua eloquencia, e no proximo artigo o commentaremos. O descobridor da India expulso da terra onde nascera, e cujo senhorio lhe fóra dadq por El-Rei, com prohibição expressa de ali voltar—a Sines ou ao seu termo—sob pena de multa de 500 cruzados e de castigos mais asperos ainda! E' extraordinario, não é?



MODAS

O TIO FELIX

Carcho... meu velho... então...

O cão moveu a cauda e voltou para o dono o olhar amoretado.

Era um rafeiro de pello negro e curto, cabeça enorme de orelhas pendentes.

Prostrado a meio do arruamento e ao pé da casa, a lingua caída ao canto da boca, o cão arfava penosamente.

—Então, meu velho? como te sentes tu?

E ajoelhou no chão, tomou nos braços o corpo do animal, levantou-lhe a cabeça, pondo-lho a mão no coração: batia ainda.

—Oh! Senhor! Senhor!

E, inconscientemente, ergueu os olhos para cima, para o azul.

Tarde serena e morna. Ao longe tangiam chocalhos de rebanhos, descendo os montes. Os tufos de verdura tomavam tons escuros, que o sol fôra-se já e um silencio vinha a cair pelas moitas.

—Senhor! Senhor...

Uma supplica, um grito de alma á magestosa serenidade da natureza, indifferente na sua quietude.

Mas ninguem o ouviu.

O crepusculo continuou a baixar progressivamente, os chocalhos calaram-se, e só ficou esse rumor indistincto dos campos á hora em que as nymphas modulam concertos de amor ás aragens subtis e ás folhas que dormitam.

Ninguem o ouviu.

De repente o rafeiro soltou-se-lhe dos braços, recuou dois passos, o pello encrespado, as orbitas escancaradas, ficando as patas na areia; contorceu-se todo, das fauces abertas saiu-lhe um uivo agudo e prolongado, um uivo dorido como um queixume, bateu as mãos no ar e rolou n'um ultimo estremeção angustioso.

Morto...

E a noite, como uma grande mortalha sombria, envolveu os dois—o cadaver do *Carcho* e os andrajos do mendigo.

Porque elle era mendigo, o tio Felix, que já não parecia o mesmo.

Tinham-o feito tão velho os pezares e as privações!

Que seria d'elle agora sem o seu companheiro, o unico desde que lhe morrera a Annica?

—Senhor! Senhor...

Que mudez por aquellas devezas solitarias!

Sessenta annos e um bordão: mais nada.

Apenas o *Carcho*, morno ainda, lhe segredava umas scenas vividas entre alegrias brutalmente estranguladas ao pé de uma cova.

Lagrimas... Eu sei lá. O tio Felix já não tinha lagrimas Chorara-as todas sobre o esquite da filha.

Um dia, muitos annos antes, appareceu na villa um pobre, seguido por um bello rafeiro possante, e levando pela mão uma cachopita descalça—um encanto pequenino, uma deliciosa miniatura furtada a alguma tela de Rubens.

—Uma esmolinha! dizia elle, ao passo que a creança fixava os olhos muito abertos e muito curiosos nos escaparates em que luziam lantejoilas e formosas bonecas envernizadas.

—Como te chamas, tu, minha linda?

—Eu cá sou Annica... papagueava ella com a sua vizinha infantil, cheia de modulações musicas.

N'essa noite dormiram as tres debaixo de telha e de ali em diante a Annica teve uma protectora—a sr.^a morgada: o velho ficou empregado na quinta.

Vida nova.

O tio Felix partia de manhã para o seu trabalho no jardim, e na casita alegre e cheia de luz ficavam os dois revolucionarios, os dois amiguinhos—ella e o *Carcho*.

E que bellos saltos, que doidas correrias pela areia doirada das alamedas, á sombra fresca dos choupos, ella vermelha, cabellos soltos, os labios abertos em risos, elle offegante, o pello eriçado, acocorando-se atraz das moitas floridas e espreitando-a de longe com olhos sorrateiros, para a surprehender de repente!

Mal saia o velho, principiava aquella pequena orgia salpicada de gritinhos e de latidos.

E quando Annica, prostrada de fadiga, adormecia á beira do lago, na relva macia dos canteiros, o *Carcho* deitava-se-lhe ao pé, olho vigilante, muito calado, n'um silencio respeitoso, até ficar dormindo tambem, pacatamente, confiadamente.

E ás tardes, oh! ás tardes, quando o tio Felix assomava, lá abaixo, ao fundo d'aquelle mesmo arruamento, que santas alegrias prodigalisadas!

A pequenita pendurava-se-lhe ao pescoço e o rafeiro, pondo-lhe as patas em cheio no peito, lambia-o todo...

—Eh! diabretes! que me afoagam... Então... então...

Mas não ha bem que sempre dure...

Tudo aquillo se desmoronou.

Apenas a morgada fechou os olhos, os herdeiros venderam o casal e os serviços do tio Felix foram dispensados; mas deixaram-o ficar, por esmola, na mesma casinha.

Por esse tempo contava a Annica os seus dezeseis annos.

Quando a conheci era ella uma rapariga franzin^a, olhos negros muito grandes e muito doces, e cabellos castanhos a emoldurarem-lhe as faces pallidas, em que havia ligeiros tons rosados—um pedaço de aurora esbatido em jaspe.

Nada mais suave do que aquelle rostinho de labios vermelhos e olhar quebrado.

Nada mais gentil do que esse busto gracioso sempre curvado sobre a costura rosseira, desde que se abria a alvorada até que o sol se ia.

No inverno, quando as lufadas rijas do sul gemiam nos galhos nodosos das arvores nuas, fazia longos serões, sentada á lareira sem lume, um velho chale nos hombros arripiados de frio.

As primaveras vinham depois encontral-a á porta da choupana, sempre trabalhando, enquanto as primeiras andorinhas gorgejavam interminaveis palestras no beiral do telhado.

Não mais correrias, não mais brinquedos.

Tudo isso acabara: tudo sumido longe, muito longe.

Elle esmolava outra vez de casal em casal, e o *Carcho*, pacato e triste, passava os dias aos pés da dona.

Que tristeza!

A malva-rosa do peitoril seccou por falta de agua, no quintal urtigas aos montes, nos muros listrões de musgo.

Em casa então um destroço; a fome engulira a mobilia, e até o leitossinho de ferro, o seu leitossinho de virgem, fôra parar ás mãos d'um agiota.

—Senhor! Senhor...

E o seu coração de pae a confranger-se, a apertar-se; e ella sem se queixar—coitada!—nem quando uma tossesinha secca principiou a emagrecel-a, que era mesmo um dó d'alma.

Queixar-se... para que?

A agulha entre os dedos, a cabeça pendida, ficava-se ás vezes a scismar, a scismar demoradamente n'uns sonhos côr de rosa.

Ninguem a via, ninguem. Apenas o *Carcho* cravava n'ella o seu olhar sereno e doce como uma consolação.

E Annica sorria-se para o amigo—surprehendeu-a assim o pae um dia—pondo-lhe a mão delgada na cabeça, o grupo envolvido pelos effluvios tepidos de maio.

Foi em maio, foi, que a rapariga peiorou.

Pobre do tio Felix!

Um tarde—nem sei como lhe não rebentaram as fibras todas do coração!—ia o sol a cair no horisonte, quando a filha lhe caim morta nos braços.

Uma tuberculose acabara de vez com ella.

E enquanto o tio Felix tombava redondo, e o *Carcho* poissava a cabeça nas patas, o olhar doce posto na dona, no beiral do telhado gorgiavam-se interminaveis palestras de andorinhas.

E agora...

Nas sombras da noite avultavam as formas hirtas do rafeiro. As estrellas brilhavam friamente atravez dos ramos cerrados do arruamento.

—Senhor! Senhor...

Mais nada...

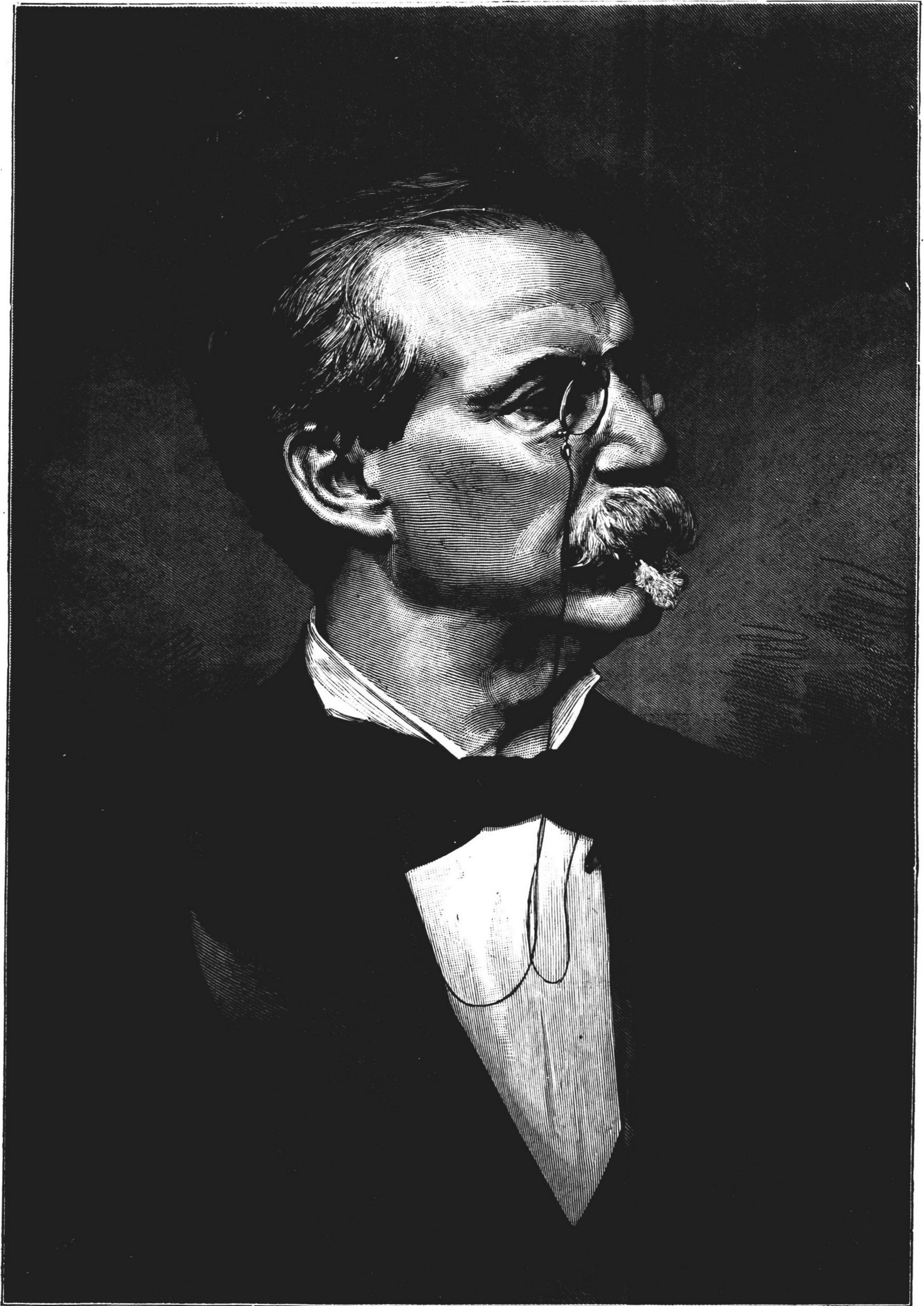
O tio Felix já não tinha lagrimas. Chorara-as todas sobre o esquite da filha...

LORJÓ TAVARES.

OS MORANGOS

N'esta via dolorosa onde seguimos amarguradamente, ouvindo a cada instante o rythmo cadenciado da longa elegia do Desconsôlo, e os soluços pungentissimos do bandolim da Tristeza; n'esta via dolorosa, as cousas mais insignificantes, as mais pequeninas cousas, transportam-nos, ás vezes, nas grandes azas luctuosas da Amargura, ás velhas ilhas do Passado, essas ilhas por onde vamos atravessando desde que abrimos os olhos n'um berço, até que os fechamos n'um tumulo.

Assim é. Uma roseira florida recorda-nos o tempo em que andavamos á procura de rosas para enfeitar os cabellos da Bem-Amada; um aroma, ás vezes, traz-nos á lembrança o lenço d'essa Bem-Amada; um perfume vago d'incenso lembra-nos aquella



ANTONIO CANOVAS DEL CASTILLO

egrejinha onde fomos baptisados, onde ouvimos missa, onde Ella commungou pela primeira vez, onde projectámos o nosso casamento, que nunca se realisou e onde um Padre lhe resou os responsos, a Ella, á nossa Amiga, á Bem-Amada, que morreu...

Assim é. As cousas mais insignificantes, as mais pequeninas cousas, recordam-nos, ás vezes, uma grande multidão de alegrias mortas, de soffrimentos passados, que se vão encadeando, encadeando, até formarem uma cadeia, grande cadeia de ferro que nos despedaça o peito.

Assim é. Hoje, por exemplo, levantei-me alegre, bem disposto, sem um cuidado que me picasse o coração.

Eram 6 da manhã. Abri a janella do meu quarto e com os cotovellos no peitoril, puz-me a ver quem passava.

Passava muita gente. A minha rua fica perto do mercado; por isso, logo pela manhãzinha cedo começa a desfilhar por alli adeante uma grande procissão de regateiras, de varinas, de carroças, de burricos,—o diacho.

E' curioso, muito curioso, até, o aspecto da minha rua logo depois de romper o dia. Em baixo um trafego enorme—carro para aqui, carroça para acolá, uma varina que berra, de quando em quando uma mulherinha de botas de cano conduzindo duas ou tres vaccas leiteiras, e, por sobre tudo, o chuveiro de luz doirada e matutina do bom Sol madrugador.

A's vezes, n'uma janella da vizinhança apparece por dentro dos vidros um busto de mulher, muito esguedelhada, com os olhos papudos do somno: os caixeiros—essas pequeninas bestas, retiram os taipais das portas, e, lá em cima, no azul, vôam, n'um grande estremecimento de azas, as pombas côr do dia e as andorinhas côr da noite.

Mas... continuemos. Levantei-me hoje alegre e satisfeito, sem um cuidado que me picasse o coração.

Eram 6 da manhã. Abri as janellas do meu quarto e com os cotovellos no peitoril, puz-me a ver quem passava.

Passava muita gente...

De subito, alli em baixo, mesmo ao pé do passeio, passou um homem levando ás costas uma grande giga carregada de fructos: laranjas, pêras, cerejas, azeitonas e... morangos...

Morangos!... Sim, meu pobre coração torturado, aquelle homemzinho de suissas pretas, levava na sua giga um pequeno cabaz de morangos.

E foram elles, os bellos fructos avermelhados, que me transportaram a tres annos de distancia, tres annos d'uma felicidade inconcebil, tão alegre, tão dôcel e tão triste no seu desfecho cruel, inesperado, violento.

Foram elles que me fizeram expiar a ventura que passou, elles que me fizeram sentir, mais que nunca, a desventura em que vivo.

E ora ahi está como as cousas mais insignificantes, as mais pequeninas cousas, nos transportam, ás vezes, nas grandes azas luctuosas da Amargura, ás velhas ilhas do Passado, essas ilhas por onde vamos atravessando desde que abrimos os olhos u'um berço, até que os fechamos n'um tumulo.

*

Vou-lhes contar esta historia,—a historia dos morangos.

Foi ha tres annos. Eu e Rachel moravamos no campo, n'uma casinha de um só andar com um jardim á frente e um grande quintalorio para traz.

Viviamos muito bem, muito confortavelmente. A casita estava bem arranjada, o jardimzinho cheio de flôres, tinhamos pombas, e na casa de jantar, n'uma gaiola de arame, cantarolava constantemente um pintasilgo muito chilreante.

Eu gostava de Rachel, Rachel gostava de mim: que mais queriamos nós? Nas manhãs frescas, logo depois de almoço, iamos para o pomar e, ahi, sentados ao pé da fonte, a Bem-Amada nos meus joelhos, o coração alegre, os olhos muito vivos, repetiamos de novo os pequeninos protestos de amor, esses deliciosos protestos que terminavam sempre com o ponto final de um beijo.

Chegou a Primavera—a loira miss de labios vermelhos.

Foi então que inaugurámos os nossos almoços campestres, á sombra de uma arvore, nos pinheiraes, onde quer que fosse. Era logo ao romper do dia. Rachel, a grande madrugadora involvidavel, vinha chamar-me muito cedo, despertando-me com a sua voz de um timbre de ouro, muito nitida, rutilante:

—Olé, seu mandrião, isto são horas?

E, se eu, preguiçoso e somnolento, me fingia adormecido, então a Bem-Amada, abanando-me com energia, começava a fazer coisas do arco da velha, puchava-me os braços, gritava-me aos ouvidos, até que me obrigava a abrir os olhos, avidos de se cravarem no seu pequenino rosto de Madona.

Iamos para o campo. Ella, a *mesagère* irreprehensivel, conduzia n'uma sacolla o appetecido almoço. Eu levava sempre de baixo do braço dois dos meus livros predilectos Musset, Gautier ou qualquer outro.

Quando o sol apertava iamos então esconder-nos sob a sombrinha verde das arvores, e ao som das suas gorgalhadas argentinas devorava-se gullosamente o pequenino almoço.

Depois, satisfeito e regalado, começava a minha leitura,—

aquellas deliciosas leituras interrompidas de instante a instante pelos commentarios encantadores da encantadora Rachel.

Deixemos, porém, estas desripções.

A minha historia enormemente terrivel, é microscopicamente pequena: *pequena* no sentido de simples, já se vê.

Os meus leitores não se interessam, por certo, com estas minuciosidades tão intimas; portanto, vou terminar breve.

Um dia, no fim do almoço, disse-me Rachel:

—Parece-me que já temos alguns morangos no quintal: vou vér se arranjo meia duzia para a sobremeza...

Foi. Eu fiquei a lér um jornal, que me chegara pelo correio.

Passados alguns instantes—um quarto d'hora, talvez,—comecei a notar a demora de Rachel.

Puz o jornal de lado e comecei a esperar anciosamente.

Um presentimentosinho enevou-me o coração.

Esperei, esperei, esperei, um quarto d'hora, meia hora, tres quartos, e nada de novo.

Fui direito ao morangal: Rachel não estava lá.

Chamei, ninguem me respondeu.

—Onde iria ella? perguntava eu.

Foram passando os minutos, depois as horas, e nada.

Veio a tarde, depois a noite e sempre a mesma anciedade, o mesmo sobresalto, sem saber que partido havia de tomar, o que me cumpria fazer.

Andei toda aquella noite, todo o dia seguinte.

Debalde!

Rachel nunca mais appareceu.

Passaram tres annos e nunca mais appareceu...

Nunca mais!

EUGENIO DE CASTRO.

DESPEDIDA ORIGINAL

O afamado romancista inglez, William Thackeray, auctor de varias obras muito apreciadas, sahiu d'esta cidade em agosto de 1844, despedindo raios e coriscos, como se fosse na realidade Jupiter Britannico.

Era quasi noite quando o vapor *Lady Mary Wood*, em que elle tinha vindo a Lisboa, como lord Byron, de passagem para o Oriente, largou a amarração, levando o celebre escriptor que, logo á sahida da barra, teve um accesso de orgulho nacional, quando avistou a formidavel *Caledonia*, navio de guerra inglez, surto no Tejo. Disse então cobras e lagartos da nossa velha cidade e de seus monumentos, errando nomes, confundindo tudo. Só lhe faltou devanear como Eduardo Perier «que a estatua de D. João VI na praça do Commercio foi inaugurada no tempo do famoso Marquez de Pombalet.»¹

Passando logo depois revista aos seus companheiros, nota a ausencia de uns, e falla de outros que seguiam viagem com elle. Entre os primeiros vão incluídos cinco negociantes inglezes, que haviam desembarcado no Porto, e é com a mais terna saudade que elle relembra esses caros patricios, os quaes tinham por uso e costume bater-se á meza, em duello, a vinho do Porto, até ficarem estendidos no chão, a monte com as garrafas vasia—*dead marines!*

Tinha vindo para Lisboa no mesmo vapor o nuncio, arcebispo de Beyruth—in *partibus infidelium*. Este diplomata era dotado de uma polidez extra-risonha, que os simples mortaes nem sempre logram possuir; tão extremada que, se alguem, passando por elle, lhe lançava no rosto o fumo do cha. uto, o apostolico varão comprimentava, tirando o chapeo. Acompanhava-o um seu irmão, bonissimo ecclesiastico, prodigo tambem em mesuras e cortezias. D'elle escreve o nosso auctor que a sua physionomia indicava antes um dignitario da religião de Moysés que um sacerdote da egreja catholica. Mas, não obstante ter cara de judeu, era o capellão do arcebispo, que trazia ainda comsigo um secretario e um cosinheiro francez.

Os dois irmãos no pallido semblante mostravam a barba por fazer, e parecia que nem ao menos se tinham lavado! Comiam á par-e; estavam quasi sempre recolhidos no beliche; e era só depois de confortados pelo jantar, quando os raios do sol poente se alongavam sobre a onda occidental, e os passageiros se reuniam no convez, que se lhes podia pôr a vista em cima. Mas, em tocando a sineta para o chá, logo se sumiam outra vez.

Conta Thackeray que na vespera á meia noite, apenas o navio dera fundo, veiu um bote particular, cuja tripulação fez toda a casta de reverencias ao embaixador do embaixador do ceo, e o levára para terra. Por esta occasião exprime o desgosto que tiveram alguns passageiros de o não verem, ao outro dia, como esperavam, partir em estado, de barba feita, limpo, em pontifical, com o secretario agitando o thuribulo, e o capellão de cruz alçada!

¹ *Revue des Raees Latines*, 2.º année, 8.º volume, pag. 573.

Tal não succedeu; mas, em compensação, veio logo entre reverendo prelado para o mesmo beliche que tinha sido do nuncio.

Appellidando-o de *Bispo n.º 2*, descreve-o o malicioso escriptor com os toques delicados do seu pincel de artista. «Era um velho sympathico, muito gordo e amavel, com um barrete quadrado, e sobre o amplo peito e nas costas uma formosa borla verde e ouro. Trajava vestes negras e meias roxas muito esticadas. Levámol-o de Lisboa para Faro, onde o meigo ancião era o pastor principal.» Chamava se D. Antonio Bernardo da Fonseca Moniz. Bacharel formado em canones e conego da sé de Lisboa, foi nomeado bispo do Algarve em 15 de janeiro de 1840, e veio a selo também do Porto, onde falleceu em 4 de dezembro de 1859.

Ainda não era bem passada meia hora de viagem quando elle, enjoado, se foi metter no *beliche episcopal*, segundo a chistosa expressão de Thackeray. Durante toda a noite e no dia seguinte soprou constantemente uma brisa muito fresca; e do nosso bom prelado nunca mais houve noticia até chegarem defronte dos montes purpurinos do Algarve, cujas extensas praias e aldeias se distinguiam perfeitamente.

Foi então que um barco pequeno, com a bandeira portugueza azul e branca, e uma grande véla latina, se avistou sobre as ondas agitadas, ora saltando, ora abysmando-se n'ellas, que era um gosto ver. E como se adiantasse o mais possível, o commandante fez logo parar o vapor e enviou recado ao bispo que estava a chegar o escalor para o levar para terra.

Commovia realmente vel-o, olhando ansioso para o mar, á proporção que o barco se approximava, e d'pois quando os seus oito homens, com muita gritaria, desembarço e grandes gestos atacaram ao vapor.

Arriada a escada do navio, desceu primeiramente um creado do bispo, de libré azul e amarella (como na *Revista de Edimburgo*, diz Thackeray), levando a bagagem de seu amo, a sua e umas botas de montar para trazer em Faro nas gordas mulas do bispo.

Chegou em seguida a vez d'este, que ainda se demorou um bom pedaço. Ia de um para outro passageiro, apertando-lhes tristemente a mão, despedindo-se muitas vezes, e mostrando pouca vontade de partir, até que o commandante lhe bateu no hombro, e respeitosa mas energicamente lhe disse: «Senhor bispo! senhor bispo!» Cedendo finalmente a esta intimação, o pobre velho met-teu o barrete debaixo do braço, arregaçou a batina, e mostrando as meias côr de purpura e as grossas barrigas das pernas, lá se foi a tremer pela escada abaixo.

O satyrico auctor dos *Quatro Jorges* faz sentir a pena que teve de não ser também contemplado com um aperto de mão do bispo, antes de elle ir para esse martyrio maritimo. E exclama: «Ah! tenhamos esperança de que a sua governante o enfiou commodamente na cama, quando elle chegou a Faro n'aquella noite, e lhe deu uma tisana quente e um banho aos pés!»

Quando largou o escalor, dando saltos desesperados adeante do vento, outra embarcação ao longe, também de vélas latinas, disparou um tiro de peça em honra do bispo.

Tal foi o ultimo adeus do insigne escriptor a Portugal.

ALBERTO TELLES.

A FLOR DA NOITE

Ha no teu corpo negro, repassado
d'um effluvio magnetico, dormente,
a doçura de um fructo avelludado
e a indolencia nervosa da serpente.

Nas noites tropicaes do velho Oriente
eu quizera, n'um fremito sagrado,
sentir pulsar o coração valente
do teu seio no bronze immaculado.

Teus olhos, cheios de luar sombrio,
vertem-me n'alma um calido amavio,
morna volupia, venenosa, estranha:

—E's a tulipa negra, a flor escura,
que um lord inglez, excentrico, procura
pelas velhas cidades da Allemanha.

GUERRA JUNQUEIRO.

AS NOSSAS GRAVURAS

ENTRADA DO GRANDE TUNEL DA ESTRADA DE
D. PEDRO II.—BRAZIL

A nossa estampa representa a entrada do grande tunel da estrada de ferro de D. Pedro II.

Para se fazer idéa do trabalho que exigiu a construcção d'aquella via, basta dizer-se que na perfuração do tunel se empregaram mais de 500 operarios, que trabalharam alternada e ininterruptamente de dia e noite, excepto aos domingos.

Antes de ser levada a effeito essa obra colossal, fez-se o transito, durante 16 mezes, por uma via temporaria sobre aquelle tunel, via verdadeiramente notavel pela sua segurança e excellente traçado. Ajuize-se da importancia d'ella pelos seguintes apontamentos.

O seu comprimento entre as duas bifurcações era de 5 kilometros, cerca de 3 kilometros em rampa ascendente do lado do Oceano e 2 descendente para as aguas do Parahyba.

O ponto culminante jaz a mais de 100 metros sobre o nivel dos trilhos no grande tunel.

O declive, na maior parte da linha, era de 1,18 ou de 0,035 por metro.

As curvas, em geral, tinham 76 metros de raio, havendo tres de 70^m 14. E em uma das ultimas, está collocada uma parte de 53^m 57 de comprimento, maxima altura 19^m 82, construida de grandes cavalletes de madeira, sustentados uns sobre alicerces de alvenaria, outros em rocha viva. A ponte mostrou no serviço do transito a mais completa firmeza: as madeiras, que são do paiz, conservam-se em bom estado.

As locomotivas especiaes, construidas para esta linha, excepcionalmente, por Baldwin e C.^a, de Philadelphia, com o deposito de agua sobre a caldeira, tinham o pezo de 29 toneladas inglezas, distribuido sobre oito rodas motrizes, pesando sobre cada par de rodas 7 1/4 toneladas.

MODAS

Publicamos hoje segundo figurino.

E' uma *Capota Maria Stuart*, de palha lavrada, tendo a aba e a parte inferior guarnecida de um rolo de surah côr de malva. A parte superior da aba é enfeitada com um leque de renda de seda côr de malva, sobre o qual se applica um molho de flores pequenas, preso por uma haste de amores perfeitos e tendo no alto uma *aigrette*.

Este elegantissimo chapéu está-se usando muito em Paris, a capital da moda por excellencia. Recommendamo-l'óas nossas gentis leitoras.

ANTONIO CANOVAS DEL CASTILLO

Toda a gente, na Europa, conhece Canovas del Castillo, mas muitos ignoram quaes foram os seus principios, e não podem, portanto, apreciar todo o grande merito do antigo primeiro ministro do malgrado rei D. Affonso XII.

Canovas, como quasi todos os personagens da Hespanha moderna, é de uma origem modestissima; em Malaga, patria de muitos outros homens de vulto, como Salamanca, Romero, Robledo, Carvajal, etc.

Oriundo de paes pobres e burguezes, deve tudo quanto é ao seu vigoroso talento e ao seu trabalho infatigavel.

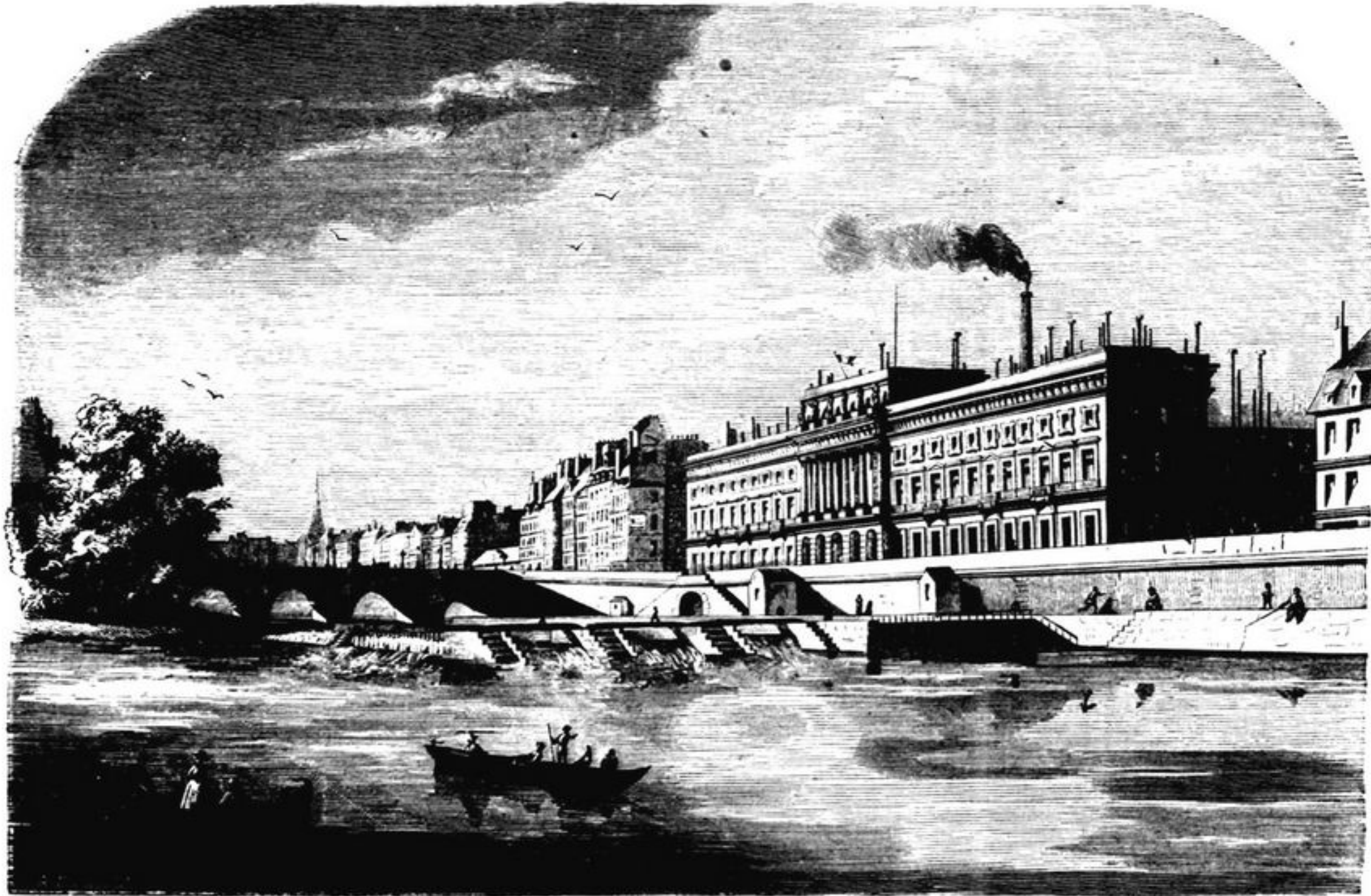
Começando a vida politica ainda muito novo, logo depois do haver saído da universidade, foi encarregado pela primeira vez, em 1863, de dirigir uma pasta, a dos negocios do interior.

Fez parte do gabinete de 1866, na qualidade de ministro das colonias, entrou n'outros ministerios depois d'aquella época, e, no momento da restauração, foi escolhido para chefe do gabinete que inaugurou o reinado de D. Affonso, em 3 de dezembro de 1875. Commetten erros, sem duvida, mas esses erros, devidos em parte ás suas tendencias ultra-conservadoras, foram resgatados por muitos actos de grande bom senso politico.

Sobre tudo, Canovas conseguiu pôr termo á guerra civil de 1868, com um tacto maravilhoso e por meios habilissimos, sabendo evitar que a restauração caísse na reacção traduzida em exilios, em perseguições e em actos de rigor para com os vencidos.

Conhecendo a Hespanha como poucos, adoptou, n'esses tempos anormaes, uma politica conciliadora, que tornou a restauração sympathica a todos os hespanhoes, até mesmo aos proprios revolucionarios.

Dotado de uma intelligencia superior, Canovas governou por



A. M. V. L.

CASA DA MOEDA EM PARIS

muit tempo o seu paiz e governou-o com acerto, garantindo-lhe grande numero de prosperidades.

Além de estadista eminente, Canovas é um orador de primeira ordem e um escriptor *hors ligne*, tendo produzido livros magnificos, aos centos, e discursos notabilissimos aos milhares.

Como historiador ha de passar á posteridade: a Hespanha não conta outro que se lhe avanteje ou que o eguale sequer.

CASA DA MOEDA EM PARIS

O edificio que a nossa estampa representa—a casa da moeda em Paris—é um dos mais interessaentes para ser visitado pelos estrangeiros.

Construido sobre as margens do Sena, o seu aspecto exterior é de um magnifico effeito.

Nas suas officinas encontram-se enormes cadinhos de ferro batido, que podem conter cada um novecentos kilogrammas de prata; e outros com capacidade para setente e cinco kilogrammas, destinados á fundição de ouro.

O precioso metal corre em jorros, redemoinha em poeira; cada pedaço de ladrilho ou de crosta dos cadinhos, a coisa mais insignificante emfim, representa uma mina. Por isso não se inutilisa o mais simples residuo sem que seja submettido a uma alta temperatura, para lhe extrair o ouro que contém.

A's terças e sextas feiras o palacio da moeda está patente ao publico, e aconselhamos a todos que vão a Paris que não se abstenham de visital-o.

D. BENIGNO MARTINEZ

Commemoramos hoje a morte do indefeso jornalista hespanhol, conhecido pelo—*amigo dos portuguezes*. O seu retrato na *Ilustração Portuguesa* é uma homenagem ao homem que amou a nossa terra como se ella fosse a sua, e sem intenções de propaganda iberica.

D. Benigno Martinez falleceu quasi repentinamente em Madrid, nos fins de abril. Quando elle, na capital de Hespanha, fechava os olhos á luz, este facto coincidia com a publicação da sua ultima correspondencia no *Commercio do Porto*, onde costumava assignar-se com a inicial B.

A noticia da sua morte foi dolorosamente recebida em Portugal, onde era muito presado, entretendo relações de amizade com quasi todos os escriptores e jornalistas, relações que datavam de 44, quando os revolucionarios de Almeida se viram obrigados a emigrar, refugiando-se em Hespanha.

Era um liberal e sem mistura, e um caracter franco e leal. Primava em ser obsequiador, e com portuguezes era-o primorosamente. Todos os que iam a Madrid vinham encantados do seu trato, porque a todos cumulava de favores.

Collaborou em muitos jornaes portuguezes; para o *Conimbricense* escrevia ha 37 annos, quando esta folha se intitulava ainda —*O Observador*.

Esteve em Portugal diversas vezes, sendo sempre recebido com estima e consideração. Na *Folha*, periodico litterario que João Penha redigiu em Coimbra com superior criterio, publicou-se uma extensa biographia de D. Benigno.

Nós tambem aqui vimos hoje prestar a derradeira homenagem ao illustre morto, que bem digno foi de que os portuguezes lhes perpetuem a memoria honrada.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas em verso

Como agradecimento, aos primorosos charadistas, M. Monteiro Junior e Antonio R. Brancal.

Da charada a parte prima,
E' amargoso, pois não?
Odio, rancôr e que mais?...
Tambem pode ser paixão.—1.

Da China minha segunda,
Ser medida vos dirão,—1,
Os que sentirem terceira
Em momentos d'afflicção!—1.

O todo, leitor, por certo
O serás, e muito mais,
Se tambem acaso o fores,
Nos ossos parietaes!

Para mais claro conceito
D'esta tão clara charada,
Eu direi:—quem é careca,
Tem a cabeça... rapada?

Vizeu

PEQUENO ANTONINHO.

Socegue! não ha 'stopada;
Por estar bem cançadinho
Hoje não faço charada,
Adeusinho.

Mas! como é segunda-feira,
Um romance lhe vou dar,
E troque a letra primeira,
P'ra o achar.—2

Ha de lel-o com agrado,
Pois, segundo a imprensa diz,
E' o auctor mais afamado
Em Paris.—2

Ouvi dizer,—muito a serio!—
A um pateta que hontem vi,
Que elle é *falso de critério*,
—Muito ri!—

Socegue! não ha 'stopada,
Vá lendo o romancesinho,
Hoje não faço charada,
Adeusinho.

MATHEUS JUNIOR

Logogripho-geographico

Já fui a esta cidade,—12-9-4-6
Este reino percorri,—9-5-14-13-9-6
Já naveguei n'este rio,—7-9-13-11
Este monte já subi—1-6-2-1-14-4-11

Agora, caro leitor,
O conceito devo dar,
Cogite bem, que n'Europa,
Uma cidade hade achar.

Lisboa

FRANCISCO ALVES.

Logogripho

Cidade é da Asia,—1-3-3-2
De Atlas uma filha,—3-2-1-4
Da Russia é um rio—1-4-3-2
E do Brazil ilha.—3-4-1-2

Um rei da Ethiopia,—2-4-3-4
Villa aqui ver ha de,—3-4-1-2
De Parma geometra,—4-1-3-1
De Judá cidadã.—4-3-2-3

Tirei tantos termos,
—A verdade digol—

Porque tive auxilio;
Trabalhou commigo
Certo *Deus da Noite*
Meu intimo amigo.

MATHEUS JUNIOR.

Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Levita—Oitavario—Telescopio—
Fanão—Sigralha—Arreata—Barataria—Catatúa.

DAS CHARADAS EM VERSO:—Serpente—Couve-flor.

DOS LOGOGRIPOS:—Bakhtcheserai—Logogriphista.

A primeira decifração exacta que recebemos do ultimo d'estes logogripos, foi-nos enviada pelo sr. Antonio de Sousa Franco, de Santa Comba Dão.

UM CONSELHO POR SEMANA

LIMONADA CITRICA

Assucar.....	125 gram.
Acido citrico.....	4 gram.
Essencia de limão.....	7 gotas.

Usa-se, lançando uma colher de chá n'um copo d'agua.

A RIR

A viscondessa toca violentamente a campainha. Aparece uma criada.

—Cheira-me a queimado, Joaquina!
—E' o guarda-vestidos de V. ex.^a que está a arder!
—O desgraçada, então corra, deite-lhe já agua em cima...
—Não posso, minha senhora, porque só ha agua quente em casa...

*

Entre mulheres que se detestam.

Uma, olhando para o espelho:

—E' notavel! Quanto mais consulto o espelho, mais feia me acho!

A outra:

—Toda a gente é d'essa opinião, minha querida.

Em policia correccional:

—E' verdade, sr. juiz, esta mulher, que é minha vizinha, bateu-me!...

—Muito?

—E arrancou-me os cabellos. Ainda se elles fossem meus!...

UMA ANDALUZA

Tinha os pés e as mãos em miniatura,
Essa por quem suspira em vão Sevilha;
Seu collo era um modelo de esculptura,
Visto de sob as franjas da mantilha.

Em seu gracioso andar, sobreexcedia
Da panthera a felina gentileza;
Era famosa em toda a Andaluzia
A longa trança da gentil marqueza.

E por ninguem batera aquelle seio
De creança indolente e caprichosa!
Nenhum—hidalgo—em namorado enleio
Ousou dizer-lhe um dia: «E' tão formosa!»

Por vezes—nas tertulias—repetia,
Dediando no leque rendilhado,
Que a doces galanteios preferia
De um—papelito—o fumo perfumado.

A' noite, quando a lua é toda amores,
E a guitarra soluça mais dolente,
No seu balcão de gothicos lavores
A marqueza sorria-se indolente.

Um alcaide, poeta e cavalheiro,
De ciume feroz embriagado,
No leito apunhalára um estrangeiro
Da bella senorita enamorado.

Alguem disse, que o facto deshumano
A deixára impassivel e serena,
E que se ouvira toda a noite ao piano
O canto alegre da gentil morena.

Mais tarde, n'uma esplendida tourada,
De—El-nino—ao ver um «cambio» perigoso,
Perturbou-se-lhe a fronte socegada,
E palpitou-lhe o seio de amoroso.

Hoje em balde suspira a serenada,
Murmura em vão na «calle» a seguidilha,
Que a marqueza gentil e enamorada
Por um—torero—abandonou Sevilha.

G NÇALVES CRESPO.

O PRIMEIRO BEIJO

A Maricas era uma flor ainda em botão, e a sua fragrancia campesina punha uma nota fresca e alegre em toda a casa.

Tinha apenas quatorze annos e já parecia ter desoito. Tão desenvolvida era.

Os seios, redondos e turgidos, avolumavam-se precocemente em airoso promontorio. A sua estatura era alta, proporcionalmente, para a idade, mas elegante e flexivel. Não tinha ainda os cheios que só veem depois dos trinta annos.

Os braços roliços e fortes, terminavam em umas mãosinhas pequeninas e rechonchudas, um pouco avermelhadas pelo sol e pelo ar.

A cara de rapariga, tinha uma energia masculina e picante; mas as feições eram as regulares do seu sexo privilegiado. Era oval e graciosa, acabando o queixinho em bico. A pelle um pouco aspera e crestada. Uns olhos garços e grandes, ovaes, deixando muito branco á vista, quando se embebiavam, pasmados, na contemplação d'alguma cousa extraordinaria.

O cabello castanho escuro, singellamente apartado.

Tal era a rainha d'aquella pequenina habitação terrea com tecto de palha.

A Maricas vivia só com os paes, uns honr. dos camponeos, visto que os irmãos, seguindo a praxe estabelecida no campo, haviam embarcado clandestinamente para os Estados Unidos e ilhas de Sandwich, apenas saíram da puberdade.

Tinha uma irmã mais velha, mas já estava casada. O pae era trabalhador de enxada, e a mãe lançava teias em casa.

A Maricas ia ao poço da aldeia, com as outras raprugas, tirar agua que trazia á cabeça para casa, n'uma enorme bilha.

Era vel-a então, em toda a magestade da sua erecta figura. Que jogo de quadris! Que passo firme e possante! Que sereno olhar! E o dito «alhofoeiro solto dos labios»

Tambem ia ao matto, á lenha, com as raprugas da vizinhança.

ça. Que de correrias! santissimo Jesus! Que de trambalhões por cima da relva! Que de mysteriosos segredos e risadinhas maliciosas entre umas e outras! O diabo!

Andavam kilometros e kilometros.

Ligou-se mais estreitamente, durante estas correrias pelas mattas, com uma gentil rapariga de pouco mais da sua idade, mestra já em namoros refinados, mercê da sua prodigiosa facilidade de improvisar nas defolhas do milho e nos bailaricos aos sábados e aos domingos.

—Cantadeira de uma canna! diziam os rapazes da aldeia, a Joanna.

Era claro, com taes admiradores, que a amiga da Maricas teria certo um bom casamento. Os seus labios rosados e sensuaes, não emmurcheceriam em arrenegado celibato de tia merencoria e beata.

Com essa doce liberdade intima das raparigas entre si, transmittiu a Joanna todos os seus vastos conhecimentos de namoro á Maricas, e deu-lhe a chave do *Secretario dos Amantes* que todas as raparigas do campo trazem dentro do coração.

Até n'isto, a vida rústica é singella e pura. Qualquer menina da cidade, querendo escrever ao namorado, manda comprar ao livreiro o *Antigo* ou o *Novo Secretario dos Amantes*, e desata a copiar modelos de epistolas que já serviram a tres gerações. Alguna mais espirituosa, ao receber a primeira resposta *d'elle* e cotejando-a com a primeira resposta do livro, vê com surpresa que *elle* tambem copiou do *Secretario*, e responde maliciosamente:

Volte a pagina e encontrará a resposta...

Mas d'estas heroínas ha poucas.

Outras, sabendo de cór todos os *Secretarios* passados e presentes, incumbem a um irmão estudante de preparatorios, a ingloria tarefa de redigir os borrões, a troco de dois vintens para o competente macinho de cigarros.

As raparigas do campo, vão procurar ao coração directamente, e aos aspectos da paisagem inspiradora que as rodeia, as suas imagens floridas, que não confiam do papel de dez réis o caderno, pelo simples motivo de não saberem escrever; mas que espalham ás brisas, em cantares maviosos, ao som das languidas violas.

Foi por isso que a Maricas, logo na primeira descansaçada, se mostrou menos arisca aos apertões dos audazes mancebos da localidade, fascinados pelo seu olhar de virgem selvagem e pela sua mocidade radiante.

Houve um que a estreitou mais de perto nos circulos dantescos dos seus infernaes requerebros. Poz-lhe a cabeça tonta com um milheiro de cantigas em des-pique com outros da mesma força mas não de igual ternura.

As suas phrases sentidas e intencionaes iam morder direitas o coração da Maricas, que todo se alvoroçava de sensibilidade. O Manuel era de certo o Messias querido, que ia descer ao limbo da ignorancia e tirar de lá a sua alma ingenua.

E quando nos bailados de roda, elle voltado para ella, balanceando-se nos quadris e arqueando as pernas, a estalar com as pontas dos dedos, fitos os seus olhos ardentes nos d'ella, soltava a sua voz harmoniosa e possante de barytono, em cantigas escaldantes, ella devorava-o com os olhos, commovida e prompta a entregar-se lhe se elle o quizesse.

Mas, felizmente para a Maricas, o Manuel era um rapaz honesto que temia a reprovação universal e—diga-se toda a verdade—o cacete do pae d'ella, que não era homem para graças.

Assim, contentou-se com olhadelas de uma ardencia devoradora que a faziam tremer como uma debil flor na haste; apertos de mão, sem conta—apertos de estalar os ossos; e palavras soltas no meio da balburdia geral.

—O' Maricas! tu é que estás mesmo talhada para fazer a ventura cá do rapaz.

—Eu?...

—Sim! tu!

Outras vezes, no movimento do bailado, caindo-lhe a vez de fazer balancé em frente d'ella e acontecendo, ao mudar de par, roçar o peito pelos seios d'ella:

—Ai, quem me dera dizer missa em cima d'esses altarsinho

A Maricas, com todos estes choques, estonteada [e pensativa, n'uma palavra—enamorado; e ao recolher a casa, readquirindo com a frescura da noite a sua serenidade, ia cantando, ao lado das companheiras:

Coitado, quem tem amores!
Pena de quem os não tem!
Amores são dissabores,
Que vem quando se quer bem.

Toda a medalha tem um reverso, e todos os amores, ainda os mais felizes, tem os seus dias de provação. São as sombras necessarias d'estes quadros da vida, nem sempre luz e ouro.

O Manuel, como todos Manueis d'aldeia, entrou no sorteamento e tirou numero para soldado, tendo de marchar para o regimento que lhe coube. Foi o dia de juizo no logar, porque tinha companheiros na desgraça.

As mães arrepelevam-se, davam ais as *conversadas*; tristinhos e succumbidos pareciam os paes.

Mas não havia remedio!

—Maldita seja a hora em que se inventou os exercitos! bradava um.

—Para que serve a tropa, se não ha guerras? vociferava outro.

E outras heresias militares, que faziam abanar as orelhas ao sacristão, que tambem era o ferrador.

—Isso é verdade! dizia elle sentencioso. Não teremos guerras tão cedo! Ha já um bom par d'annos que não apparece no ceu cometa de rabo.

E os seus olhos, esbugalhados, elevavam-se para o infinito azul, perscrutando o horisonte.

O Manuel foi despedir-se da Maricas. Estava a mãe em casa por fortuna. A pobre mulher suspeitava do enlevo d'aquellas duas almas, mas não sabia que o mal estava tão adiantado.

A' vista d'ella, que ia marchar dentro em pouco, a Maricas tornou-se pallida como um cadaver e aguentou-se á quina da arca, para não rolar no terreo solo.

—O' mãe! eu vou partir! disse simplesmente o Manuel para a camponesa.

—Mãe? estranhou ella, dando um passo á retaguarda.

—Sim! porque quero casar com sua filha, tão depressa me veja livre do serviço.

A singella teceloa avançou para elle d'um impeto e deitando-lhe os braços ao pescoço, bradou n'um soluço:

—Sim! meu querido filho! Deus te ajude e te traga, são e salvo!

O Manuel com os olhos humedecidos de lagrimas, voltou-se para a rapariga.

—Ahi a tens! disse lhe com grandiosa simplicidade a mãe, apontando para a Maricas.

O rapaz precipitou se então para a pequena, contemplou-a um momento como se quizesse gravar bem fundo na memoria o seu retrato ideal; depois, tomou lhe as mãos e puxou-a para si n'um vehemente abraço de ternura e paixão, murmurando:

—Ah! Maricas! Deixa-me ver pela ultima vez a luz d'esses teus olhos!

E quando ella erguen para elle a sua frente entristecida, uniu rapidamente os seus labios aos d'ella, n'um ardente e desesperado beijo. E fugiu pela porta fóra, louco, desvairado, com medo de desertar.

A pobre rapariga, sentindo em todo o seu ser vibrar uma sensação até aquelle momento desconhecida, ficou-se a olhar profundamente pela larga porta aberta sobre o caminho em frente, o homem que se affastava e lhe tinha dado o *primeiro beijo d'amor*.

JOSÉ MARIA DA COSTA.



D. BENIGNO MARTINEZ